

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória

Pedro Braga: frontiers between orality, writing, history, and memory

Pedro Braga: fronteras entre oralidad, escritura, historia y memoria

Pedro Braga : frontières entre oralité, écriture, histoire et mémoire

Valdir Macedo Neto
Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)
eu@netomacedo.com

Resumo: O artigo analisa a atuação de Pedro Braga enquanto mediador na fronteira entre oralidade, escrita, memória e história, focando em seu papel como preservador da cultura do Povoado do Vau, situado em Diamantina, no estado brasileiro de Minas Gerais. Embora tenha tido acesso limitado à educação formal, Braga dedicou-se a registrar por escrito histórias orais, tradições e memórias coletivas da comunidade, utilizando cadernos para fixar eventos e práticas culturais transmitidas oralmente. O artigo enfatiza a importância de Braga como figura que transita entre mundos distintos, preservando, reinterpretando e garantindo a continuidade das narrativas culturais do Vau, mesmo em um contexto de declínio da tradição oral.

Palavras-chave: entrelugar; oralidade; escrita; memória; história.

Abstract: The article analyzes Pedro Braga's role as a mediator at the intersection of orality, writing, memory, and history, focusing on his work as a preserver of the culture of the Povoado do Vau, located in Diamantina, in the Brazilian state of Minas Gerais. Despite his limited access to formal education, Braga dedicated himself to recording oral histories, traditions, and collective memories of the community, using notebooks to document events and cultural practices passed down orally. The article emphasizes Braga's significance as a figure who navigates between distinct worlds, preserving, reinterpreting, and ensuring the continuity of Vau's cultural narratives, even in a context of declining oral tradition.

Keywords: in-between place; orality; writing; memory; history.

Résumé: L'article analyse le rôle de Pedro Braga en tant que médiateur à la frontière entre oralité, écriture, mémoire et histoire, en se concentrant sur son rôle de préserveur de la culture du Povoado do Vau, situé à Diamantina, dans l'État brésilien de Minas Gerais. Bien qu'il ait eu un accès limité à l'éducation formelle, Braga s'est consacré à consigner par écrit des histoires orales, des traditions et des mémoires collectives de la communauté, utilisant des cahiers pour fixer des événements et des pratiques culturelles transmises oralement. L'article met en lumière l'importance de Braga en tant que figure qui navigue entre des mondes distincts, préservant, réinterprétant et assurant la continuité des récits culturels du Vau, même dans un contexte de déclin de la tradition orale.

Mots-clés : entre-lieu ; oralité ; écriture ; mémoire ; histoire.

Resumen: El artículo analiza el papel de Pedro Braga como mediador en la frontera entre oralidad, escritura, memoria e historia, centrándose en su función como preservador de la cultura del Povoado do Vau, situado en Diamantina, en el estado brasileño de Minas Gerais. A pesar de su limitado acceso a la educación formal, Braga se dedicó a registrar por escrito historias orales, tradiciones y memorias colectivas de la comunidad, utilizando cuadernos para fijar eventos y prácticas culturales transmitidas oralmente. El artículo enfatiza la importancia de Braga como figura que transita entre mundos distintos, preservando,

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

reinterpretando y garantizando la continuidad de las narrativas culturales del Vau, incluso en un contexto de declive de la tradición oral.

Palabras clave: lugar intermedio; oralidad; escritura; memoria; historia.

Olhe: uma coisa é o fato acontecido, outra coisa é o fato escrito¹
Filme “Narradores de Javé”, 2004

1. Introdução

Filho de José Elias Braga e Henriqueta de Oliveira, Pedro Braga foi um destacado narrador e guardião da memória cultural do Povoado do Vau, situado entre os municípios de Diamantina e Serro, no estado brasileiro de Minas Gerais, onde nasceu em 28 de março de 1917 e viveu até sua morte, em 2000. Além de sua atuação como carpinteiro e garimpeiro, o que chama atenção é o facto de, apesar de ter vivido isolado por toda sua vida no Vau e ter estudado somente até os 9 anos de idade, ao contrário de outros narradores orais da região, também se dedicou ao *registro escrito* e à preservação das tradições locais, escrevendo em cadernos a história do povoado, uma autobiografia em versos, além de contar casos e lendas que chegaram até ele por meio “dos antigos”, como ele se referia a seus antepassados.

Além de sua atuação local, Braga manteve correspondência com pessoas de fora do Vau, ampliando seu papel como uma espécie de mediador do povoado. Essa interação com o mundo exterior também atraiu o interesse de pesquisadores e artistas, inspirando obras, como uma dissertação de mestrado sobre a sua literatura e, até mesmo, um longa-metragem, o filme “Narradores de Javé”².

Este artigo tem como principal objetivo analisar a atuação de Pedro Braga nas fronteiras entre oralidade, escrita, memória e história. A proposta não é validar ou discutir a veracidade histórica das narrativas e escritos de Braga, mas analisar como ele se posicionou como um mediador de diferentes campos.

¹ Trecho de uma fala do personagem Antônio Biá, do filme (Narradores de Javé, de 2004).

² Filme brasileiro em coprodução com a França (2003), do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé.

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

2. Às margens do Rio Jequitinhonha, um narrador decide escrever

A posição isolada e o contexto do Povoado do Vau – onde o Sr. Pedro nasceu e se criou – são importantes para entender sua atuação. Por isso, é necessário descrever o contexto em que viveu. À época que tomei conhecimento de sua história, percorria de bicicleta um dos trechos da Estrada Real³ que compreende as regiões entre o município de Diamantina e o município de Serro. Os 26 quilômetros que separam Diamantina (sede do município, com aproximadamente 50 mil habitantes) do Povoado do Vau são marcados por um relevo bastante acidentado, permeado de aclives e declives acentuados.

Figura 1 — Fotografia aérea do Vau. À direita do Rio Jequitinhonha, fronteira natural entre os municípios, o lado diamantinense; à esquerda, o território pertencente ao município de Serro



Fonte: Valdir Macedo Neto

Nesta viagem, em 2012, fiz uma curta parada no Vau, no estabelecimento de José Evaldo Braga (que atende por Zé Braga), filho mais novo de Pedro Braga. Por trás do

³ A Estrada Real, com mais de 1.630 quilômetros de extensão, surgiu em meados do século XVIII, quando a coroa portuguesa decidiu oficializar os caminhos para o trânsito de ouro e diamantes na capitania das Minas do Ouro (atual Estado de Minas Gerais) até os portos do Rio de Janeiro. As trilhas traçadas pela realeza ganharam o nome de Estrada Real, hoje gerida pelo Instituto Estrada Real, ligado ao sistema FIEMG (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais), sendo hoje a maior rota turística do país, repleta de cidades de imenso valor histórico e cultural.

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

balcão, ao contar sobre o curioso caso de seu pai, fez um desabafo sobre os jovens, que hoje em dia não dão grande valor às histórias locais, enquanto me apresentava os cadernos do senhor Pedro. Chamou atenção o facto de um homem simples, nascido no início do século XX, em um local bastante isolado, com pouca educação formal, ter se dedicado a escrever memórias pessoais, poemas e a história oral do povoado – as *certas tradições*⁴ que *alcançou*⁵ por meio do contato que teve com os “antigos” desde criança.

À época da minha viagem de bicicleta pude vivenciar a dificuldade do trecho, todo de terra e cascalho, com diversos pontos com escarpas, desfiladeiros e uma belíssima paisagem ao redor. Na maior parte do período em que Pedro Braga viveu, o Vau era uma comunidade de difícil acesso, com comunicação precária com o mundo exterior e de tradição eminentemente oral. Desde sua infância, ele se preocupou em aprender com os moradores mais velhos a história oral da região.

A reverência a essas tradições demonstra como ele valorizava a continuidade e preservação desses elementos constitutivos da história do vilarejo. Em uma visita ao povoado do Vau em 1988, o professor Reinaldo Martiniano Marques, em entrevista, pôde inquiri-lo sobre essas tradições:

Entrevistador: Essas histórias, esses casos, o senhor pegou isso de...

Pedro Braga: De meus tios, pais, que viveram no século passado..., pelo menos muita tradição lá da Fazenda Delgado, contada pela minha mãe. O bisavô dela foi proprietário da Fazenda das Abóboras, Antônio dos Santos [...] tudo o que passava na Fazenda Delgado, a mãe, minha avó, sabia tudo e transmitia p'ra minha mãe (Entrevista com Pedro Braga em 1988 realizada por Reinaldo Martiniano Marques).

Conforme podemos ver acima, o senhor Pedro Braga utilizou como fonte de informação as tradições transmitidas oralmente por seus pais e avós, ato comum em culturas onde a oralidade desempenha um papel crucial na preservação das tradições. Segundo Fernando Catroga (2001: 26), a transmissão de conhecimento de geração em geração, especialmente no contexto das memórias coletivas e individuais, reflete a importância da memória na construção e manutenção da identidade cultural de uma comunidade. Catroga explica como a memória é uma atividade que articula o passado com o presente, criando um sentido de continuidade e pertencimento. O autor ainda nos ensina que a memória não é uma simples reconstituição do passado, mas um processo

⁴ Termo que o senhor Pedro Braga usava para se referir, sempre com reverência, a um conjunto de práticas, valores e histórias transmitidas de geração em geração dentro de sua comunidade.

⁵ O termo “alcançar”, que aparece inúmeras vezes nos escritos e na fala do sr. Pedro, parece ser usado no sentido de obter ou receber conhecimento e tradições passadas oralmente de geração para geração.

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

ativo de ressignificação que envolve o esquecimento e a lembrança em uma dialética constante (2001: 30), um processo vital para a manutenção das tradições e identidades culturais, uma vez que permite às comunidades se situarem no tempo e no espaço, reforçando seus laços internos e distinguindo-se dos “outros”.

Alguns trabalhos já citam ou tomam como objeto de pesquisa os relatos do Sr. Pedro Braga. Dentre estes trabalhos, podemos citar o livro “O Artesão da Memória no Vale do Jequitinhonha”, de Vera Lúcia Felício Pereira, que se dedicou a explicar o fenômeno dos narradores orais em diversas cidades espalhadas por essa região⁶ – Pedro Braga incluso. Segundo ela, a figura do narrador assume a forma de memória viva do grupo, mantendo a unidade e a história com a autoridade de quem testemunhou e experimentou os eventos (Pereira, 1996: 13). No caso do senhor Pedro Braga, este testemunho era comprovado por meio do seu contato com seus antepassados, já que “têm certas tradições que a gente vê que aconteceu, não é? Então o que eu gosto de escrever é justamente o que pode ser comprovado” (Entrevista com Pedro Braga em 1988 realizada por Reinaldo M. Marques). Sobre seu encontro com Pedro Braga, Pereira nos conta que ele era:

“um contador que merece um estudo particularizado. No seu objetivo de não deixar que sua terra caia no esquecimento total, ele registra cuidadosamente nos seus cadernos toda a história do lugar. As lendas referentes aos pontos topográficos, as famílias proprietárias e sua descendência e os casos dos escravos, cantando o Vau em prosa e versos. Os cadernos de Seu Pedro são preciosidades à espera de estudiosos que, admitindo o espaço da diversidade e do conflito, sempre presentes, queiram dar-lhes agora a voz” (Pereira, 1994: 21).

Há, na performance oral de Pedro Braga, uma preocupação evidente em definir e confirmar os alicerces de suas histórias, de comprovar a longevidade de suas narrativas e a sua importância como veículo capaz de transmitir a tradição local. Testemunhos repassados de pais para filhos, de avôs para netos, que se põe como alicerce da memória coletiva da comunidade.

Catroga (2001: 18) define memória coletiva como um fenômeno que transcende o simples ato individual de lembrar, situando-se no âmbito das práticas e rituais sociais que compartilham e constroem uma memória comum dentro de uma comunidade. A atuação

⁶ O Vale do Jequitinhonha abrange uma extensa área do estado de Minas Gerais e destaca-se por sua diversidade cultural e beleza natural. Ao longo de sua trajetória, o rio Jequitinhonha percorre toda a região. A presença de elementos culturais herdados das tradições indígenas, africanas e europeias compõe o rico mosaico identitário da região. No século XIX, a abundância de ouro e diamantes despertou o interesse de diversos viajantes estrangeiros, como Auguste de Saint-Hilaire, Spix e Martius, que registraram suas impressões sobre o território.

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

do Sr. Pedro contribuiu para a perpetuação de uma memória coletiva. As histórias e tradições que ele registrou não são apenas lembranças pessoais, mas compartilhadas, se tornando, então, uma ponte entre o passado e o presente, garantindo que as narrativas culturais e históricas de sua comunidade sejam lembradas, reinterpretadas e passadas para as futuras gerações.

A pesquisa de Vera Lúcia Pereira também intuiu do discurso do Sr. Pedro – e de outros narradores – uma crítica velada ao sistema de ensino e à escola que, segundo eles, mantêm as crianças presas por longos períodos nas salas de aula, enchendo sua cabeça de “coisas” demais (1996: 40), desviando o interesse dos jovens da sabedoria transmitida pelos contadores. Segundo a autora, as transformações graduais trazidas pelo progresso afetaram o prestígio da arte dos narradores e ameaçam o desaparecimento de um patrimônio oral. A autora percebeu, no entanto, um movimento de resistência dos narradores frente ao declínio dessa tradição. Uma tentativa consciente de encontrar maneiras de perpetuar suas tradições em face das influências externas e de algum modo obter a adesão de outras pessoas que se interessam em preservar essa cultura (1996: 25). No caso de Pedro Braga, esta resistência fica evidente em sua atuação na busca de reconhecimento em um meio que privilegia uma ordem diversa daquela que é usada na tradição oral: a escrita.

À época da visita da autora ao Povoado do Vau, no início da década de 1990, o sr. Pedro já atuava como agente voluntário dos Correios, distribuindo cartas pela região e escrevendo cartas para aqueles que não dominavam a escrita. Segundo ela, ao se deparar com a possibilidade de fechamento do posto de Correios da localidade, devido ao baixo movimento das correspondências, ele se via na obrigação de trabalhar para a sua manutenção. Em entrevista realizada em 2018, Zé Braga (filho) nos conta sobre como isso se deu:

“Ele tava sabendo que o correio ia fechar, que tava com pouca correspondência. Ele começou escrever as cartas pra ele mesmo, e pro pessoal mandar as correspondências. Ele sentiu que ia fechar. Mas ele conseguiu lutar e... fazer essa reviravolta toda pro correio não fechar” (Entrevista com José Evaldo Braga em 2018).

A fala de Zé Braga expressa claramente a percepção de que seu pai tinha uma intuição aguçada sobre o futuro incerto do correio. Devido à sua reputação como guardião das memórias locais, muitas pessoas procuravam o sr. Pedro, atraídas por essas histórias. Ele pedia aos visitantes que fornecessem seus endereços, na esperança de que, ao enviar

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

e receber muitas cartas, pudesse evitar o fechamento do único meio de comunicação que mantinha o povoado conectado ao mundo exterior.

“Amiga Vera, a senhora talvez não sonha quanto senti feliz em receber a sua preciosa carta, pois mais fequei siente que alcancei a ter amigos a senhora e o saudoso Reinaldo” (carta de Pedro Braga à autora. Pereira, 1996: 29).

O exemplo acima evidencia como, na ausência de jovens para ouvi-lo, o senhor Pedro usou sua habilidade em cruzar a fronteira entre o mundo pequeno e isolado do Vau e o vasto mundo exterior. Ao utilizar a escrita para cultivar amizades e manter o fluxo de comunicação, Braga rompeu com as limitações impostas pela geografia e pelas condições de infraestrutura de sua comunidade. Ele transformou o ato de escrever em um ato de resistir ao isolamento, fortalecendo o vínculo do Vau com o mundo maior, destacando-se como um ponto de diálogo com esferas mais amplas.

3. Entrelugar: fronteiras entre História Oral, História Escrita e Literatura

A partir do que foi exposto, podemos situar Pedro Braga como um sujeito posicionado em um *entrelugar* que conecta as dimensões da oralidade, da história e da literatura. O conceito de entrelugar, conforme exposto por Cláudio B. Ferraz (2010: 19), refere-se a um espaço de fronteira que, ao mesmo tempo em que separa e delimita, também permite o contato e a aproximação entre diferentes mundos. Nesse sentido, o sr. Pedro vive, narra e escreve em uma região limítrofe onde essas três dimensões se entrelaçam de forma única.

Essa posição é caracterizada pela sua capacidade de conectar e transitar entre os campos da oralidade, da história e da literatura, atuando como um mediador, criando pontes entre esses diferentes domínios, já que, além de “contar histórias”, escreveu em cadernos de numerosas páginas boa parte do que sabia sobre a formação do povoado. Esta pesquisa teve acesso a seis destes cadernos⁷, que foram escritos entre o ano 1988 e 1997, digitalizados e transcritos pela pesquisadora Lúcia Nascimento e Josiley Francisco de

⁷ Josiley de Souza, que realizou sua pesquisa em um período temporal mais próximo da morte do sr. Pedro, afirmou (2006: 109) que teve acesso a 14 cadernos, mas que este número não corresponde à totalidade da produção de Braga, visto que sua família afirmava, já à época, que muita coisa havia se perdido após sua morte no ano de 2000.

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

Souza entre 2001 e 2002. No trecho abaixo, retirado do caderno nº 06⁸, Pedro Braga escreveu sobre a formação do distrito.

“Outros detalhes vou deichar eu Pedro Cordeiro Braga as partis historica di Vau escrita conformi as tradições di meus pais *tradozida* di seus avós sendo na era do séculos fims do ceculo 16 a princípio do ceculo 17 foi criada a Vila do principi houji a çidadi do Serro. Temdo esta linha di comunicação di Vila Rica a tradicional cidadi di Ouro Prêto. Semdo disbravado pelos bandeiranti até o local ondi foi elevada a historica cidadi di Diamantina. Semdo o único trêcho do rio Jequitemhonha que conceguiram travessar foi em Vau ficando esti nomi di origem pela passagem” (Braga, Pedro. Escritos. Caderno nº 06, 1988, p. 90. Grifo nosso).

A referência ao “fim do século XVI e princípio do século XVII” como o período de criação da Vila do Serro e o papel dos bandeirantes na região contradizem os registros históricos estabelecidos, que situam esses eventos no século XVIII. De acordo com o pensamento de Portelli (1997: 30), esta discrepância não necessariamente desacredita o relato de Braga, mas destaca como a memória coletiva pode oferecer uma “verdade diferente”, emocional ou simbólica, que fala mais sobre as percepções e as realidades vividas pela comunidade do que sobre os factos objetivos. No caso do sr. Pedro, sua narrativa pode revelar como a comunidade do Vau percebe sua origem e sua importância histórica, vendo na ideia de o povoado possuir uma história muito antiga, um elemento central e nobre da fundação do local.

Este trecho do caderno de anotações também serve como exemplo icônico de sua atuação como mediador na fronteira entre a história e a memória. Ele contextualiza, a partir da tradição que *alcançou*, o momento histórico, descrevendo a formação do povoado e criando uma relação entre o período de exploração do Brasil colonial e importantes cidades históricas de Minas Gerais, como Serro – na época chamada Vila do Príncipe – e Ouro Preto. Essa narrativa, mesmo apresentada em uma linguagem simples, reflete detalhes sobre o desenvolvimento econômico e social da região, como as descobertas de ouro e diamante e a fundação de diversas fazendas⁹. A menção aos bandeirantes, personagens importantes no desbravamento e ocupação da América Portuguesa, expandindo as fronteiras para o interior, situa o Vau como local de importância estratégica.

⁸ A numeração dos cadernos não necessariamente representa sua ordem cronológica de escrita por Pedro Braga, mas sim uma numeração escolhida pela pesquisadora Lúcia Nascimento, quando realizou o trabalho de digitalização e transcrição dos mesmos.

⁹ Apesar do uso da palavra *fazendas*, na verdade, terras dedicadas à mineração de diamantes no leito dos rios por meio de trabalho escravo.

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

Outro ponto de destaque, exemplo de sua atuação como mediador em outra fronteira, a da oralidade e da escrita, é o facto do uso que faz das letras ser claramente influenciado pela oralidade, o que reflete a autenticidade de sua voz e a forma como a história é contada em sua comunidade. Sua escrita não segue rigidamente as normas ortográficas e gramaticais da língua portuguesa, mas sim a expressão sonora das palavras, refletindo a linguagem falada de sua comunidade (Souza, 2016, p. 101)¹⁰.

Mesmo assim, além da literatura, o trabalho de *tradução* da oralidade para a escrita envolve mais do que a mera transcrição de palavras; é uma interpretação das vivências, valores e contextos históricos que moldaram sua comunidade. Segundo Portelli (1997: 32), documentos como esses produzidos por Pedro Braga são oriundos de uma tradição oral e podem complementar a história oficial, oferecendo perspectivas alternativas e muitas vezes negligenciadas sobre o passado. Nesse sentido, suas obras não são apenas literárias, mas também historiográficas, pois documentam e interpretam o passado do povoado de uma maneira que ressoa com a prática histórica.

À vista disso, podemos situar Pedro Braga em um *entrelugar*, um espaço liminar onde literatura e historiografia, oralidade e escrita, se encontram e se fundem. Ele opera nos limites dessas disciplinas, fazendo uso da narrativa poética para dar vida à história e utilizando o registro histórico para conferir autenticidade à sua literatura.

Jacques Le Goff (1990: 437) argumenta que a memória é formada por múltiplas camadas, representando diferentes momentos do passado que se entrelaçam no presente. Sua produção envolve a transmissão contínua de conhecimento e lembranças ao longo do tempo, papel crucial desempenhado por Pedro Braga na narração oral de histórias e na escrita dos cadernos. Adicionalmente, Le Goff faz uma distinção entre *memória oral*, que é transmitida oralmente, e *memória escrita*, que é registrada por escrito. A *memória oral* está intimamente ligada à cultura popular e ao cotidiano das comunidades, mantida através de rituais, celebrações, narrações e performances. Ela é dinâmica e pode ser alterada ou adaptada ao longo do tempo, refletindo as mudanças na sociedade e no contexto cultural. Já a *memória escrita* refere-se à documentação e registro do conhecimento através de textos escritos, permitindo uma forma mais estática e duradoura

¹⁰ Na dissertação de mestrado de Josiley Francisco de Souza (2006) no campo dos Estudos Literários, de título “Pedro Braga: uma voz no Vau”, o autor concentrou-se em realizar uma análise de seus escritos.

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

de armazenamento, oferecendo a possibilidade de um acesso mais preciso e detalhado ao passado.

Ao “traduzir” a oralidade para a escrita, Pedro Braga se posiciona como um mediador na fronteira entre esses dois mundos. Essa atividade de tradução implica uma adaptação e interpretação das narrativas orais em um formato escrito, mais estático, visando assegurar que a memória coletiva e a história do povoado não se perca com o passar do tempo.

A distinção entre história e memória é um tema amplamente explorado na historiografia. Lucília Delgado (2006: 17-21) oferece uma análise aprofundada dessas diferenças. A memória, como descrita por Delgado, é um fenômeno subjetivo, pessoal e íntimo, que se enraíza na experiência individual ou coletiva, sendo moldada pelas emoções e pela identidade cultural de um grupo. A memória é fluida, vulnerável ao esquecimento e à reinterpretação ao longo do tempo, sendo frequentemente influenciada pelo contexto social e político em que se manifesta. Por outro lado, a história busca ser uma narrativa mais objetiva e crítica do passado. Ela se baseia em métodos rigorosos de pesquisa, utilizando fontes documentais e outros vestígios materiais para construir uma interpretação baseada em evidências.

Apesar dessas diferenças, Delgado destaca que memória e história não são opostos, mas sim complementares. A memória fornece à história uma rica base de dados, emoções e experiências, enquanto a história oferece à memória uma estrutura crítica que pode legitimar ou questionar as lembranças coletivas. Nesse sentido, a história busca transcender as limitações da memória, ao mesmo tempo em que reconhece sua importância.

Sua atuação evidencia que o reconhecimento por parte de Braga que as memórias são essenciais para manter viva a identidade cultural do Vau e, ao registrá-las, não apenas as preservou, mas também transcendeu as limitações impostas pela oralidade e pelo tempo, cumprindo o papel da história ao buscar uma narrativa que perdure.

3.1. Transição da oralidade para a escrita

O senhor Pedro, pela maior parte de sua vida, habitou uma comunidade de tradição eminentemente oral. Em sua infância, teve acesso a estudo formal somente até os 9 anos de idade. A transição da oralidade para a escrita representa uma mudança significativa na

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

forma como o conhecimento e as informações são transmitidos e armazenados e deve ser compreendida não apenas como um deslocamento técnico, mas como um fenômeno cultural e histórico que envolve profundas transformações na forma de pensar, memorizar, narrar e preservar o conhecimento. Segundo Walter J. Ong (1998: 23), a oralidade e a escrita não são apenas modos distintos de expressão: são formas cognitivas e sociais radicalmente diferentes. Em culturas orais, o conhecimento é preservado na memória e transmitido por meio da repetição, do ritmo e da performance; já a escrita promove uma externalização da memória e inaugura formas de distanciamento crítico, análise linear e acúmulo documental.

Pedro Braga, ainda que imerso em uma comunidade de tradição oral, apropriou-se da escrita de maneira funcional e simbólica. Sua prática evidencia o que Paul Zumthor (1997: 148) define como oralidade secundária – aquela que, mesmo atravessada pela escrita, mantém os traços e marcas da performance oral, como a espontaneidade, a repetição e o caráter interativo da linguagem. Nos escritos de Braga, nota-se a persistência da cadência oral, da pronúncia fonética, da gramática informal, além da valorização da memória ancestral como fonte de autoridade narrativa. Seus cadernos, portanto, não são simples registros escritos, mas sim prolongamentos da oralidade em suportes materiais.

Sua intimidade com o ato de escrever – antes a serviço da comunidade, e depois voltada para o registro de suas memórias e reflexões – foi sendo construída em meio à prática cotidiana, no voluntariado dos Correios, na redação de cartas, no intercâmbio com moradores e pesquisadores. Os cadernos escritos por Braga entre 1987 e 1997 resultam desse percurso singular, em que a oralidade não desaparece, mas se infiltra nos modos de escrever, transformando a escrita em um entrelugar de enunciação.

Nesse sentido, a prática escritural de Pedro Braga pode ser compreendida como um exemplo concreto do que Cláudio Ferraz (2010: 19) nomeia como entrelugar – espaço de trânsito e de hibridismo cultural, onde saberes, formas e temporalidades se encontram e se transformam mutuamente. Ao traduzir a palavra falada para o papel, Braga não apenas documenta o Vau: ele reelabora a própria memória da comunidade, reconfigurando o passado em chave poética, histórica e afetiva.

Para explicitar o contexto em que Pedro Braga decide se voluntariar como carteiro e escritor de cartas, vamos usar como suporte o depoimento de dois personagens moradores de São Gonçalo do Rio das Pedras, distrito do município de Serro distante 7 quilômetros do Vau, que conheceram pessoalmente Pedro Braga: dona Helena Siqueira

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

Torres¹¹, 84 anos, que sempre morou na localidade sem nunca ter de lá saído e que também se ocupou de escrever e enviar cartas para moradores da comunidade; e Ademil Sebastião Ribeiro¹², de 71 anos, proprietário de um conhecido armazém e restaurante, também em São Gonçalo do Rio das Pedras.

Pedro Braga, conforme descrito por Ademil Sebastião Ribeiro, era uma figura multifacetada. Sua principal ocupação, além de carpinteiro, era o garimpo de diamantes, atividade comum na região devido à sua riqueza mineral. A falta de comércio local no Vau obrigava Pedro a viajar até São Gonçalo do Rio das Pedras, onde trocava as gemas garimpadas por alimentos e outros suprimentos. Esta viagem geralmente ocorria aos sábados:

“porque aí o dono do comércio costumava levar mercadoria pra ele lá no Vau, no sábado. Ele trabalhava a semana toda no garimpo, dava no sábado, trazia os diamantes, vendia pro moço aqui, comprava os alimentos que ele precisava e o moço ia levar lá no Vau pra eles” (Entrevista com Ademil Sebastião Ribeiro em 2024).

Segundo o sr. Ademil, a infraestrutura de transporte na região era precária, o que dificultava ainda mais a vida dos moradores. As estradas eram, em grande parte, de terra e frequentemente intransitáveis para veículos comuns, limitando o transporte a tração animal e, mais tarde, veículos como *Jipes* e *Rurais*¹³, com capacidade para trafegar em condições adversas. Esta dificuldade de acesso fazia com que qualquer forma de comunicação e o transporte de mercadorias fosse um grande desafio.

“Olha... aqui, há muitos anos atrás, as cartas vinham no lombo do burro. Tinha um senhor aqui, eu já conheci ele... cheguei a conhecer ele... Antes dele já tinha outros, né? (...) Aí o moço trazia uma vez por semana a mala, e levava também mala uma vez na semana. Ele vinha do Serro aqui trazendo a mala e levava no mesmo dia a mala pro serro” (Entrevista com Ademil Sebastião Ribeiro em 2024).

No Vau, o acesso a serviços básicos como correios era limitado, levando Pedro Braga a assumir um papel crucial na manutenção desse serviço. O sr. Ademil nos conta que:

“como tinha muita gente da roça que tinha dificuldade pra escrever uma carta e tudo mais, ia atrás dele até pra ele mesmo escrever a carta, né? Ele escrevia a carta pra

¹¹ Dona Helena também é conhecida por ter atuado como escritora de cartas. Ela conta que, antigamente, escrevia cartas a pedido de pessoas do distrito, como esposas cujos maridos mudavam de cidade para trabalhar.

¹² O sr. Ademil também é outra figura célebre de Serro. Recepciona turistas e viajantes em seu restaurante, onde vende diversos tipos de vinhos e licores de fabricação própria, enquanto compartilha histórias e causos sobre a região.

¹³ Veículos altos, de forte motor, com tração nas quatro rodas.

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

pessoa, a pessoa explicava o que que queria, e ele expunha na carta. (...) A pessoa mora na roça, não sabe escrever nem nada e tal. Ia atrás dele "oh seu Pedro, precisava mandar um recado pra meu filho lá em São Paulo, ou lá no Belo Horizonte, tudo mais, tal e tal. Será que tem jeito do senhor fazer uma cartinha e mandar pra mim?". "Ah, pois não! Vem pra cá. Vem cá e tal. Vamos tomar um café, vamos bater um papo. O que que você quer?" (...) Às vezes, a pessoa... chegava a carta pra ela, ela não sabia ler a carta, "ah, então Sr. Pedro, o senhor lê pra mim?", "leio, uai", e lia a carta pra ele" (Entrevista com Ademil Sebastião Ribeiro em 2024).

Observa-se, do relato do senhor Ademil, a afabilidade e boa vontade com que Pedro Braga recebia as pessoas, na maioria velhos conhecidos, ajudando-os na escrita e leitura das cartas. As cartas eram escritas em um contexto de comunidades rurais onde a comunicação escrita era uma necessidade fundamental devido à falta de acesso a outros meios de comunicação. Em São Gonçalo do Rio das Pedras, inclusive, tal qual Pedro Braga, dona Helena Siqueira Torres era um exemplo de pessoa procurada para escrever cartas para outros moradores. Segunda ela:

“eles trazia o papel e o envelope e eu ficava... perguntava... Qual é o assunto que você quer? Se é namorado, é namorado (...). Pedido de casamento, pêsames, visita, tudo tinha... Eu costumava juntar umas 5 cartas pra escrever de uma vez. Porque a gente, naquele tempo, a situação era muito difícil (...).” (Entrevista com Helena Siqueira Torres em 2024).

Neste cenário descrito por ela, as cartas serviam para uma variedade de propósitos, desde pedidos de casamento até mensagens de pêsames. O ato de escrever cartas era uma forma crucial de manter laços sociais e familiares, especialmente em um período onde as opções de comunicação eram limitadas e a educação formal era escassa.

Assim como dona Helena desempenhava esse papel em São Gonçalo do Rio das Pedras, o senhor Pedro era uma figura central para a escrita de cartas no povoado do Vau. Pedro Braga também se destacou como voluntário no serviço de correio. Segundo o senhor Ademil, ele não recebia pagamento por seu trabalho, mas desempenhava um papel vital na recepção e distribuição de cartas na comunidade. As cartas eram um meio essencial de comunicação, especialmente para aqueles que viviam em áreas rurais e tinham familiares ou amigos em outras localidades. Assim:

“Como no Vau não tinha ninguém pra trabalhar no Correio e tudo mais, ele foi um voluntário. Ele trabalhava de graça e não recebia nada pra isso (...). A gente vindo no ônibus, muitas vezes, ou a gente passando de carro, ele tava lá recebendo o malote, lá no ponto parado esperando o malote chegar pra poder ele receber as cartas” (Entrevista com Ademil Sebastião Ribeiro em 2024).

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

As motivações de Pedro Braga para realizar esse trabalho voluntário parecem ser enraizadas em um profundo senso de compromisso com sua comunidade. De acordo com Ademil, Pedro Braga chegou até mesmo a escrever cartas para si mesmo, para garantir a sobrevivência do serviço de correio local.

Figura 2 — O posto comunitário dos Correios onde Pedro Braga desempenhava trabalhos como voluntário que escrevia, recebia e distribuía cartas



Fonte: Valdir Macedo Neto

A linha de raciocínio traçada nos leva a crer que, sua intimidade com o ato de escrever, antes para a comunidade, e depois, durante sua atuação como voluntário nos correios, escrevendo, enviando e recebendo cartas, pode ser um dos fatores que o levou a registrar também seus próprios pensamentos e as histórias do Vau em cadernos, cuja data mais antiga encontrada é a do ano de 1987. Sua profunda conexão com a comunidade como escritor de cartas, recebedor e transmissor de tradições indicam uma transição natural para a escrita. Conhecedor de uma vasta gama de histórias e tradições locais, sua prática constante de escrever cartas para outros pode ter despertado nele o desejo de preservar essas narrativas de forma mais duradoura. A escrita em cadernos permitiu a Pedro documentar as histórias que ouvira e vivenciara, garantindo que as memórias coletivas do Vau não se perdessem no tempo, mas fossem preservadas para as futuras gerações, complementando sua atuação como narrador oral.

Todas as histórias registradas em áudio na entrevista realizada por Reinaldo Martiniano Marques em 1988 foram também encontradas na versão escrita. Isso nos

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

indica como Pedro Braga atuava não apenas como um contador de histórias, mas também como um memorialista, consciente da importância de documentar essas narrativas para a posteridade.

A atuação de Braga pode ser vista sob a perspectiva de Catroga (2001: 30), que aborda a fronteira entre história e memória, com ênfase na memória como um fenômeno social que envolve a relação com a alteridade. Braga, além de preservar e relatar as memórias dos outros, também as traduz para o formato escrito, garantindo que essas narrativas não sejam perdidas. Assim, se posiciona como uma ponte entre o passado e o presente, conectando indivíduos através do compartilhamento de memórias comuns.

A existência dos cadernos, guardados cheios de registros manuscritos, destaca a profundidade da figura de Pedro Braga, que entendeu a posição que ocupava na sociedade que vivia e adotou para si a tarefa de ser a ponte sobre a fronteira que separava o mundo externo do povoado do Vau.

4. A fronteira entre a Eutopia e a Utopia

Em seu Caderno nº 06, Pedro Braga nos oferece um retrato de sua própria vida quando escreveu sua biografia em versos. Em meio às descrições de eventos e memórias pessoais, um tema que emerge de maneira recorrente é o da saudade de um passado que não retorna mais. Esses trechos são marcados por uma melancolia profunda, onde o autor expressa seu desejo de retornar a tempos mais simples, ao convívio com entes queridos já falecidos e a uma comunidade que, ao seu ver, estava desaparecendo diante de seus olhos:

“Neste dia nas *margem do saudoso regato*
O céu já estava em bela amplidão
Junto de mim passaram tristes
Dois passarinhos que entoavam triste canção
Eu disse *benditas águas mornas apressadas*
Me dissei onde está aquele alguém
O meu coração de saudades está ferido
Esperando pela última dor que ainda vem”
(Braga, Pedro. Escritos. Caderno nº 06, 1988, p. 46. Grifo nosso).

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

O texto acima remete a uma intertextualidade com o Salmo 137¹⁴, da Bíblia, que é conhecido pela lamentação do povo hebreu exilado na Babilônia. No Salmo, os hebreus, sentados à margem dos rios da Babilônia, choram ao lembrar-se de Sião, sua terra natal, que não podem mais retornar¹⁵. De maneira semelhante, o senhor Pedro, em seu poema, evoca a saudade de um lugar e de alguém que lhe são profundamente queridos, enquanto se encontra à beira de um regato¹⁶. Assim como os hebreus penduram suas harpas nos salgueiros, Braga também dialoga com a paisagem natural ao se perguntar sobre “aquele alguém” e expressar sua dor de maneira melancólica.

A inspiração pode ser intencional, visto que Braga, um católico fervoroso, participava ativamente das tradições religiosas (Souza, 2006, p. 82). Ambos os textos utilizam a natureza como cenário para uma meditação sobre a ausência, a saudade e a busca por um lugar que parece distante.

O conceito de *eutopos* e *utopos* na filosofia grega oferece uma ótica interessante sob a qual podemos analisar o sentimento de Pedro Braga em relação ao Vau. O *eutopos* refere-se ao “bom lugar”, um espaço de harmonia e realização que é acessível e idealizado como um lugar real, embora perfeito (Sousa, 2016: 17). Por outro lado, *utopos* é um lugar que não existe, um “não-lugar” ou uma utopia inalcançável. Nos versos de Pedro Braga, o regato representa uma espécie de eutopos, um espaço concreto ao qual ele sempre esteve ligado, que nutriu sua vida e sua identidade. No entanto, à medida que sua vida chega ao fim e ele enfrenta a impossibilidade de retornar ao Vau de suas lembranças, o regato se transforma em uma espécie de utopos — algo que simboliza a perfeição do passado, mas que, na realidade, já não pode mais ser acessado.

Essa delicada fronteira habitada por Braga – entre o lugar idealizado de suas memórias e o lugar impossível que nunca poderia alcançar – torna-se motor de sua tentativa de preservar e fixar o Vau do passado, lutando contra o desaparecimento simbólico do lugar que amava.

¹⁴ “Junto aos rios da Babilônia, ali nos assentamos e choramos, quando nos lembramos de Sião. Sobre os salgueiros que há no meio dela, penduramos as nossas harpas”.

¹⁵ Luís de Camões, em sua recriação do Salmo 137, também fala do exílio e da saudade em termos semelhantes, acentuando a dor de estar separado de um lugar querido. Sua versão, “Sôbolos rios que vão/ por Babilônia, m’ achei/ onde sentado chorei/ as lembranças de Sião/ e quanto nela passei”.

¹⁶ Uma corrente de água pouco volumosa e de pequena extensão; ribeiro, riacho, córrego.

5. Na fronteira entre a realidade e a ficção

Como já foi demonstrado anteriormente, a atuação de Pedro Braga ultrapassou as fronteiras do Vau, sendo admirada e respeitada por pessoas que habitavam círculos externos. Um elemento que comprova este fato é o filme *Narradores de Javé*, produzido pela diretora Eliane Caffé em 2003, cuja história foi inspirada em sua atuação como carteiro-escritor no povoado.

Caffé soube da história do Sr. Pedro quando terminava seu primeiro filme, *Kenoma*, filmado no Vale do Jequitinhonha, quando trocou com ele correspondência e, depois, conhecendo-o pessoalmente. Ao trocar correspondências com a diretora do filme, Braga transcendeu as barreiras geográficas e sociais de sua comunidade. Sua narrativa pessoal serviu de inspiração para uma obra cinematográfica de relevo, que alcançou um público muito mais amplo. Esse intercâmbio trouxe visibilidade à importância dos narradores locais na preservação e transmissão de memórias e tradições. A transformação de sua atuação em um filme – mesmo que livremente inspirado – é uma prova contundente de como Braga atuava como uma ponte na fronteira de mundos muito distantes.

Na história do filme, o progresso chega à pequena cidade de Javé, povoado incrustado no interior do estado da Bahia, com a notícia de que o lugar seria extinto com a chegada de uma barragem que inundaria toda a região para a implantação de uma usina hidrelétrica. Após comoção geral, o povo da comunidade se reúne para encontrar uma forma de manter vivo o lugarejo e suas tradições. A única solução encontrada foi a de transformar a pequena vila em patrimônio histórico, de maneira que, sendo este patrimônio tombado, não pudesse mais ser destruído pelas águas.

Após calorosa deliberação, Javé escolheu como objeto de salvação as histórias orais de fundação e povoamento do Vale de Javé. Essas tradições, segundo a comunidade, possuíam grande valor e ressaltavam a nobreza do lugar. O grande problema residia no fato de que, tal qual o povoado do Vau do passado, a maioria dos seus poucos moradores não sabiam escrever. Em reunião, a comunidade decide que o carteiro, Antônio Biá – cuja atuação foi inspirada na atuação do sr. Pedro –, único possuidor da habilidade de escrita, seria o responsável por transpor para o papel as tradições, contos e mitos repassados desde tempos imemoriais.

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

Figura 3 - Antônio Biá, personagem inspirado em Pedro Braga, interpretado por José Dumont em *Narradores de Javé*



Fonte: Quadro do filme “Narradores de Javé” (citado em Fontes cinematográficas ao fim do artigo)

Antônio Biá se encarregou então de ouvir morador por morador, tomando notas de tudo que lhe era dito, e começou a construir o documento em que registrava a nobre e desconhecida história de Javé.

Uma das potencialidades da narrativa cinematográfica é a de permitir a analogia entre realidade e ficção. Antônio Biá e o Sr. Pedro Braga podem ser vistos como mediadores simbólicos de suas comunidades, já que assumem a função de representar, falar e agir em nome da pequena Javé/Vau, da sua memória e da sua história.

Assim como Antônio Biá, Pedro Braga desempenhou o papel de guardião das histórias e memórias de sua comunidade no Vau. Ele se empenhou na coleta detalhada dos eventos e pessoas do passado. Não satisfeito em memorizar e contar as histórias, diante do curso inexorável da vida – “*sei que brevi partirei*”¹⁷ – e motivado pela percepção do declínio da tradição oral, se dedicou a preservar as memórias de sua comunidade.

No caso de Antônio Biá, foi delegada a responsabilidade de lutar para que o povoado de Javé não fosse inundado por uma represa. Pedro Braga, por sua vez, se depara com um tipo diferente de ameaça à sobrevivência de seu povoado – não física, mas simbólica. Ao perceber que a tradição oral do Vau estava se perdendo e que os jovens não

¹⁷ É comum encontrar em meio a vários textos de Pedro Braga frases onde ele indica que tem ciência da proximidade do seu fim, devido à idade.

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

se interessavam em dar continuidade a essa forma de preservação da história, decide escrever – e portanto, preservar – a história e as memórias da comunidade. Sua escrita, assim como a de Biá, visa proteger a identidade do lugar e transmitir sua importância para além das fronteiras.

“Meu amados filhos
Aqui vou deichar meu pedido
Não dispresas nosso tradicional Vau
Para sempri é meu sonho preferido”
(Braga, Pedro. Escritos. Caderno nº 06, 1988, p. 68).

Assim como a comunidade de Javé, do filme, Pedro Braga viu seu espaço e identidade ameaçados. Isso é notório no trecho acima, quando ele pede que seus filhos não desprezem o “tradicional Vau”. No caso do Vau, um dos fatores que podem ter causado um receio parecido era a perda da agência dos correios, único meio de contato com o mundo exterior e, em certa medida, a perda de parte da própria identidade, já que:

“nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes” (GIDDENS, 1990, pp. 37-38 *apud* HALL, 2015, pp. 14-15).

É interessante notar que, diante da ameaça de aniquilação do seu modo de vida, a escolha da população de Javé é, ao invés de pegar em armas para se defender do avanço do inimigo aniquilador, fazer uso das letras para documentar sua própria história, como se dissessem ao mundo "nós estamos aqui; nós existimos". De acordo com Gontijo:

“escrever é uma "atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado” [...] O exercício de escrever e trocar cartas é uma das práticas culturais modernas de *produção de si*” (Certeau, 1994 *apud* Gontijo, 2005. Grifos nossos).

A autobiografia e os outros escritos de Braga são um claro exemplo dessa “escrita de si”. Nota-se o uso da escrita para refletir sobre suas próprias experiências e desafios, construindo uma narrativa pessoal que se entrelaça com a história coletiva do Vau. Este processo de auto-reflexão e registro é uma forma de afirmar sua identidade e de se posicionar como um guardião da memória e da cultura de sua terra.

Portadores da habilidade da escrita, técnica que os alçou à condição de salvadores locais, Antônio Biá e Pedro Braga se tornam porta-vozes com poderes para agir como

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

mediadores na fronteira que separa o mundo da oralidade do mundo da escrita, representando os valores, visões de mundo e demandas da comunidade.

Ao final do longa-metragem, a comunidade de Javé é, inexoravelmente, submergida pelas águas da represa. Na comunidade do Vau também o correio foi fechado, “submergido” pelas “águas do progresso”. Talvez como uma espécie de sinal que as coisas sempre mudam, independentemente se lutamos contra a mudança ou se simplesmente a abraçamos.–

Conclusão

Pedro Braga escreveu o que os antigos contaram, escutou o que viveram e preservou o temeram perder. Transitou entre a palavra dita e a palavra escrita; entre a memória coletiva e a história registrada; entre o Vau do passado e o Vau sonhado. Em seus cadernos, misturam-se o rigor do historiador popular, a emoção do memorialista e a sensibilidade do poeta.

Na ausência de escola, fundou um arquivo. Na ausência de público, construiu um legado. Na ausência de jovens ouvintes, escreveu para os que ainda viriam. Sua atuação se deu na fronteira entre o dizer e o calar, entre o lembrar e o esquecer, entre o resistir e o desaparecer. No fim das contas, o que Braga construiu não foi apenas um conjunto de cadernos – foi um lugar simbólico onde a oralidade, a escrita, a história e a memória se encontram, se atravessam, se reconhecem.

Fontes escritas

BRAGA, Pedro Cordeiro. Escritos do Sr. Pedro Braga (Caderno 06). Digitalização e transcrição por Lúcia Nascimento em 2001/2002 (236 páginas). Vau, 1988.

Fontes orais

BRAGA, Pedro Cordeiro [71 anos]. [abril de 1988]. Entrevistador: Reinaldo Martiniano Marques. Povoado do Vau, Diamantina, MG, abril de 1988.

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

BRAGA, José Evaldo [59 anos]. [março de 2018]. Entrevistador: Valdir Macedo Neto. Povoado do Vau, Diamantina, MG, março de 2018.

RIBEIRO, Ademil Sebastião [71 anos]. [julho de 2024]. Entrevistador: Valdir Macedo Neto. São Gonçalo do Rio Preto, Serro, MG, julho de 2024.

TORRES, Helena Siqueira [84 anos]. [julho de 2024]. Entrevistador: Valdir Macedo Neto. São Gonçalo do Rio Preto, Serro, MG, julho de 2024.

Fontes cinematográficas

CAFFÉ, Eliane (2004). *Narradores de Javé*. Direção: Eliane Caffé. Produção de Bananeira Filmes, Gullane Filmes, Laterit Productions, Riofilme. Brasil: Riofilme.

Referências Bibliográficas

CATROGA, Fernando (2001), *Memória, História e historiografia*, Coimbra, Editora Quarteto.

DELGADO, L. de A. N. (2009). “História oral e narrativa: tempo, memória e identidades”, *História Oral*, v. 6, pp. 9-25. <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>. [consultado em 03/01/2025].

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira (2010), “Apresentação”, *Entre-lugar*, v. 1, n. 1, pp. 15-31, [consulta em 15/09/2024]. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/entre-lugar/issue/view/33>

LE GOFF, Jacques (1990), *História e memória*. 1924. Tradução de Bernardo Leitão, Campinas, SP. Editora da UNICAMP (Coleção Repertórios).

PEREIRA, Vera Lúcia Felício (1996), *O Artesão da Memória no Vale do Jequitinhonha*, Belo Horizonte, Ed. UFMG.

ONG, Walter J. (1998), *Oralidade E Cultura Escrita: a tecnologização da palavra*, Campinas, SP, Papyrus,.

PORTELLI, Alessandro (1997), “O que faz a história oral diferente”, *Projeto História*, 14, pp. 25-39.

Valdir Macedo Neto – *Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 157-178.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a7

SOUSA, Cidoval Morais de (2016), *Utopia, ainda que tardia* in Cidoval Morais de Sousa – *Um Convite à Utopia*. Campina Grande, EDUEPB, vol. 1, pp. 15-28, [consulta em 18/08/2023]. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/kcdz2>.

SOUZA, Josiley Francisco de (2006), *Pedro Braga: uma voz no Vau*, Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ZUMTHOR, Paul (1997), *Introdução à poesia oral*, Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida, São Paulo, Hucitec.